

MORFOLOGIA NOMINAL: O USO DOS PLURAIS NA FALA DOS ALUNOS DA EJA EM PRESIDENTE FIGUEIREDO – AMAZONAS

Cristiane Alves dos Reis¹ (UEA)

Valteir Martins² (UEA)

RESUMO: O presente trabalho tem a finalidade de investigar a fala dos alunos da EJA Ensino Fundamental I, do município de Presidente Figueiredo – Amazonas, quanto ao uso dos plurais nominais. Para esse propósito utilizamos a pesquisa de campo, através da qual foram feitas gravações das pronúncias de 16 alunos, referentes a uma lista com 23 imagens no singular e no plural. Repousamos no aporte teórico de Cunha e Cintra (2001), Rocha (2003), Scherre (1988) e Bagno (2007). Nos resultados alcançados, estes sujeitos nos mostraram que, com base na gramática internalizada, dominam a Norma Popular (NPp), respaldada pela Sociolinguística, porém, à medida que evoluem no nível escolar, há evolução também no domínio da Norma Culta (NC). A importância dessa pesquisa é mostrar que a apreensão da leitura leva à compreensão das regras da NC, sem contanto menosprezar a NPp.

Palavras-chave: morfologia nominal; alomorfes; gramática normativa; EJA; sociolinguística.

Considerações iniciais

Sabemos que o sistema educacional brasileiro possui falhas que afetam, principalmente, as classes menos favorecidas, as quais dependem integralmente do ensino público. Por inúmeros fatores, a evasão escolar tem sido cada vez mais frequente entre os alunos desde o ensino fundamental. Esse quadro refletirá, futuramente, na crescente procura pela Educação de Jovens e Adultos – EJA, pois esta promove a educação básica em tempo inferior à regular, o que pode comprometer o rendimento do alunado.

De acordo com a Proposta Curricular – 1º segmento da Educação para Jovens e Adultos, o grande contingente que forma as séries iniciais do ensino fundamental da EJA não domina a leitura e escrita, e isso interfere no aprendizado das demais habilidades (BRASIL, 2001). Uma das dificuldades apresentada por esse público, percebida na fala, é o uso da flexão nominal de número.

No português brasileiro, a marca básica de plural é o morfema “s”, porém há outras formas de pluralização que se concretizam através de seus alomorfes – formas variantes de

Banca: Avaliador 1 - Silvana Andrade Martins; Avaliador 2 - Camilla dos Santos Evangelista. Local: Escola Normal Superior – Universidade do Estado do Amazonas. Defesa em 06 de dezembro de 2019.

¹ Graduanda do curso Licenciatura em Letras – Língua portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas.

² Doutor em Linguística – professor titular da Universidade do Estado do Amazonas.

um mesmo morfema em razão do ambiente. O “-s” ocorre em palavras terminadas por vogais ou ditongos; o “-es”, em palavras terminadas pelas consoantes “r”, “z” e “n”; o “-is”, em palavras terminadas em “al”, “el”, “ol” e “ul” e, paroxítonas e proparoxítonas terminadas em “s” recebem alomorfe “-Ø”. Devido a essa complexidade no emprego dos alomorfes, os falantes tendem a pluralizar uma mesma palavra de várias maneiras.

O objetivo deste trabalho é investigar como os alunos da EJA Ensino Fundamental I, do município de Presidente Figueiredo – Amazonas, estão usando os plurais nominais na fala, visto que as inúmeras regras gramaticais de flexão causam dúvidas até em pessoas altamente escolarizadas. A partir desta investigação, identificamos como os alomorfes de plural estão sendo empregados. Detectamos o domínio das regras de uso do plural de acordo com as variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade e, analisamos os resultados obtidos a partir da perspectiva da morfologia gerativa e da sociolinguística.

Teoricamente, baseamo-nos em Cunha e Cintra (2001) que expõem as regras gramaticais de flexão dos substantivos determinadas pela gramática normativa; Rocha (2003) que traz as contribuições da morfologia gerativa para a flexão de número, no que concerne à capacidade ou competência que os falantes têm acerca do léxico de sua língua; Scherre (1988) que nos apresenta o princípio da Saliência Fônica, o qual estabelece que formas mais salientes são mais fáceis de serem marcadas e, Bagno (2007) que através dos pressupostos da sociolinguística, considerando a heterogeneidade da língua e, portanto, sua variação, nos apresenta uma outra “regra” de pluralização.

O material linguístico que compõe o *corpus* deste trabalho foi obtido a partir de pesquisa de campo com gravações individuais das pronúncias dos alunos, feitas com um celular, nas quais mostrávamos uma lista com imagens de 23 elementos no singular e no plural, os quais se pluralizavam através dos alomorfes de “s” e fazíamos a seguinte pergunta: você poderia dizer a quantidade e os nomes desses elementos? Estas gravações foram transcritas ortograficamente em tabelas para posterior análise quali-quantitativa.

O grupo de sujeitos desta pesquisa é composto por dezesseis alunos da Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental I, Unidade SESC Presidente Figueiredo/AM, Centro Educacional Fernando Matos de Souza, sendo cinco do 1º Ciclo (1º ano), seis do 2º Ciclo (2º e 3º anos) e cinco do 3º Ciclo (4º e 5º anos). Quanto ao sexo/gênero, trabalhamos com nove homens e sete mulheres. No que concerne à faixa etária, estabelecemos três recortes: 1ª faixa (20 a 35 anos), 2ª faixa (36 a 50 anos) e 3ª faixa (51 anos em diante).

No quadro 1, apresentamos os dados sociais referentes a cada falante que participou de nossa pesquisa.

Sujeitos	Sexo/gênero	Escolaridade	Idade
S1	F	1º Ciclo	39
S2	F		41
S3	M		46
S4	M		58
S5	F		62
S6	F	2º Ciclo	23
S7	M		38
S8	M		40
S9	M		41
S10	M		52
S11	M		59
S12	F	3º Ciclo	21
S13	F		25
S14	M		32
S15	M		40
S16	F		45

Quadro 1: Características sociais dos falantes.

Como podemos observar, esta pesquisa se faz relevante por apresentar fenômenos decorrentes do uso da língua por um público – a Educação de Jovens e Adultos – que embora marginalizado em relação ao ensino regular, está mostrando que a apropriação da prática da leitura ainda é o melhor recurso para mudar este cenário e diminuir o preconceito imposto a esta modalidade.

1. A flexão nominal de plural a partir da gramática normativa

O objetivo desta seção é mostrar como a gramática normativa determina a flexão nominal de plural da Língua Portuguesa. Em cada subseção, apresentaremos regras e exemplos que demonstram a formação de plural de cada grupo dos substantivos que utilizamos nesta pesquisa, baseando-nos na *Nova gramática do português contemporâneo*, dos autores Cunha e Cintra (2001), precisamente às páginas 195, 196, 199 e 200.

Embora nosso *corpus* seja composto apenas de substantivos concretos, os exemplos que trazemos aqui, destes autores, podem contemplar também outras classificações.

1.1. Substantivos terminados em vogal ou ditongo

A pluralização desse grupo de substantivos forma-se acrescentando o morfema “s” ao singular. Esta é a forma mais comum de flexão do plural e engloba além dos ditongos, vogais orais e nasais. Exemplos:

chapéu – chapéus; pau – paus; mesa – mesas; maçã – maçãs.

1.2. Substantivos terminados em –ão.

O grupo dos substantivos terminados em –ão formam o plural de três maneiras, a saber:

a) A maioria destes nomes muda sua terminação de –ão para –ões. Exemplos:

balão – balões; leão – leões; botão – botões; coração – corações.

b) Uma reduzida parcela passa de –ão para –ães. Exemplos:

cão – cães; pão – pães; guardião – ³guardiães; capitão – capitães.

c) Um número mínimo de oxítonos e todos os paroxítonos fazem o plural apenas com o acréscimo de um “s” à forma singular, como os da primeira regra. Exemplos:

irmão – irmãos; cidadão – cidadãos; órgão – órgãos; bênção – bênçãos.

Neste grupo ainda se incluem os monossílabos tônicos: chão, grão, mão e vão, que fazem no plural chãos, grãos, mãos e vãos.

1.3. Substantivos terminados em –r, –z, –n.

Os nomes que fazem parte deste grupo recebem o acréscimo do morfema “es” ao singular para formar os plurais. Exemplos:

mar – mares; açúcar – açúcares; abdômen – ⁴abdômenes; raiz – raízes.

1.4. Substantivos terminados em –s.

³ Admite-se também a forma “guardiões” que sofreu processo de mudança devido ao uso preferencial da terminação “ões” na língua corrente. (<https://dicionarioegramatica.com.br/plural-de-guardiao-guardiaes-ou-guardioes/>).

⁴ Há duas formas de escrita desta palavra: abdome, cujo plural é abdomes e; abdômen, cujo plural pode ser “abdômenes” (etimológico) e “abdômens” (popular). (<https://duvidas.dicio.com.br/abdome-abdomen-ou-abdômen/>).

Em se tratando de palavras oxítonas, o plural será formado com o acréscimo do morfema “es” ao singular, como no caso anterior, por exemplo, mês – meses. Quando as palavras forem paroxítonas ou proparoxítonas, serão invariáveis, ou seja, receberão morfema zero (Ø), pois apresentarão a mesma forma tanto para o singular quanto para o plural. Neste caso, a indicação de número dependerá de um determinante. Exemplo:

O lápis – os lápis; o ônibus – os ônibus; o pires – os pires; o atlas – os atlas.

1.5. Substantivos terminados em –al, –el, –ol e –ul.

Os substantivos com estas terminações devem suprimir o “l” final e atribuir em seu lugar o morfema “is”. Exemplos:

animal – animais; papel – papéis; lençol – lençóis; azul – azuis.

2. As contribuições da morfologia gerativa para a flexão nominal

Segundo Rocha (2003), o interesse da morfologia gerativa, diferentemente da tradicional, não está voltado para a identificação e classificação dos morfemas de uma língua. Sua preocupação recai sobre a gramática subjacente e a capacidade ou competência que detém um falante nativo acerca do léxico que compõe sua língua.

Através da gramática subjacente, que é uma gramática internalizada, uma capacidade inata que possuímos de nossa língua, que nos permite manejá-la, porém não sabemos explicitar seu funcionamento e, da competência lexical, que é o conhecimento que temos do léxico de nossa língua (ROCHA, 2003), os falantes utilizam a língua, mesmo que não empreguem, adequadamente, as regras impostas pela gramática normativa.

Rocha (2003) ainda explica que os processos que englobam as Regras de Flexão nominal e Regras de Derivação sufixal têm provocado inúmeras discussões entre os linguistas acerca de suas fronteiras, visto que não são muito nítidas.

Conforme Câmara Jr. (1975, p. 83), “a flexão de número, que cria o contraste entre forma singular e forma plural, decorre da presença, no plural, de um sufixo flexional ou desinência /-s/, com que a última sílaba do nome passa a terminar”.

Bauer (1983, p. 34 *apud* CAGLIARI, 2002, p. 19), “atribui a noção de flexão à morfologia diretamente, não sendo um processo específico da formação de palavras”. O autor salienta que este processo não gera novas palavras como ocorre com a derivação.

Para Cagliari (2002, p. 56), a “derivação é um processo morfológico que soma morfemas a um radical, fazendo com que a palavra resultante mude de categoria sintática, além de receber algum significado, carregado pelo próprio morfema”. Lembremos que a mudança na categoria sintática não é uma condição para que haja o processo de derivação.

Um dos motivos de tanta confusão na distinção entre esses dois processos é o fato de se confundir os sufixos ou morfemas flexionais com os sufixos derivacionais, destinados a criar novos vocábulos.

3. A alomorfia no processo morfológico flexional

A flexão de número plural no Português é representada pelo morfema /-s/, porém, este morfema varia de acordo com o ambiente em que se encontra. Podemos entender um morfema como a menor unidade significativa da palavra. Às variantes – diferentes formas fonéticas desse morfema em função do contexto – chamamos de alomorfes (SANDALO, 2001).

Os alomorfes empregados na formação da flexão de número, no Português Brasileiro, encontram-se em distribuição complementar. Devemos entender a distribuição como um conjunto de ambientes, ou contextos linguísticos em que uma forma pode ocorrer (ROSA, 2003). Neste caso, onde há a ocorrência de um determinado alomorfe, o outro não ocorrerá.

A estrutura ortográfica das palavras será a responsável pela escolha de um alomorfe em detrimento do outro. A partir daí, temos que um mesmo morfema se realiza de inúmeras maneiras, conforme apontam Silva e Koch (1994): o morfema /-s/ se realiza como os seguintes alomorfes: /-s/, /-es/, /-is/ e /-Ø/, como nos exemplos, *casas*, *flores*, *aventais* e *lápizØ*.

A obrigatoriedade da utilização das diversas regras de flexão numeral expostas pela gramática, como o caso da alomorfia, causa, nos usuários da língua, dúvidas complexas tanto na escrita quanto na fala, levando-os ao uso de acordo com a Norma popular. Por exemplo, como a gramática tradicional postula três formas de pluralização dos itens em –ão (-ãos, -ães, -ões), “o falante opta por não pluralizar esses termos, em virtude da incerteza de qual das formas seria a mais apropriada” (SCHERRE, 1988, p. 123).

4. O princípio da saliência fônica

A formação da flexão dos plurais, que é um processo complexo, independente do grau de escolaridade, devido à variedade de regras gramaticais expostas anteriormente, tem levado os falantes a internalizarem suas próprias regras.

Nesta pesquisa, percebemos que parte deles utilizou, de forma natural, a variável linguística princípio da Saliência Fônica para formar os plurais dos itens cujas terminações se assemelham fonologicamente na língua portuguesa.

Segundo Scherre (1988, p. 64), “este princípio consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Consideremos os seguintes sintagmas nominais:

(1) Quatro *degrais.

(2) Quatro *chapéis.

Os núcleos dos sintagmas (1) e (2), em destaque, pertencem ao grupo dos substantivos terminados em ditongo oral, os quais fazem plurais apenas com o acréscimo do morfema /s/ ao singular, portanto, eles foram pluralizados em desacordo com as regras gramaticais.

A partir da saliência fônica, os falantes utilizaram as regras de outra categoria, a dos substantivos terminados em /-al/ e /-el/, os quais são pluralizados suprimindo a consoante /-l/ e acrescentando o alomorfe /-is/ em seu lugar, como hospital – hospitais, anel – anéis, pois a marcação da flexão de número no grupo destes nomes é mais proeminente, mais saliente, ou seja, apresenta melhor sonoridade.

5. A flexão nominal a partir da Sociolinguística

A Sociolinguística segundo Martins et. al. (2017), é a ciência que estuda as variações linguísticas ocorridas nas comunidades de fala, correlacionando os aspectos linguísticos aos sociais. A partir desta ciência, Bagno (2007) nos apresenta a heterogeneidade da língua e, conseqüentemente, sua variação.

Para este linguista, o que se convencionou chamar norma padrão, que seria um modelo homogêneo no qual todas as peças se encaixariam perfeitamente, não atende à imensa variedade linguística que tem surgido. E, como a variação linguística sempre foi tratada como

um problema, principalmente pelos professores, que não sabiam lidar com a questão na sala de aula, o autor diz que:

Não são as variedades linguísticas que constituem “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Ao contrário: a construção de uma norma-padrão, de um modelo idealizado de língua, é que representa um controle dos processos inerentes de variação e mudança, um refreamento artificial das forças que levam a língua a variar e a mudar – exatamente como a construção de uma barragem, de uma represa, que impede que as águas de um rio prossigam no caminho que vinham seguindo naturalmente nos últimos milhões de anos (BAGNO, 2007, p. 37).

Neste trabalho, partimos da ideia de variação estável apresentada por Scherre (1988) – aquela que não está associada à mudança – como a que envolve os fenômenos linguísticos de flexão de número. Dentro da variação estável, trabalhamos com fenômenos que compreendem a variação morfológica, ou seja, a variação na estrutura da palavra decorrente da flexão, como nos casos em que os alunos pronunciaram “**degrais*”, “**chapéis*”, “**troféis*” e “**irmões*”, aos quais consideramos variantes de “*degraus*”, “*chapéus*”, “*troféus*” e “*irmãos*”.

Segundo Monteiro (2008, p. 59), “as formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de variantes linguísticas”. Nas construções acima, os alunos fizeram uso do princípio da Saliência Fônica, citado anteriormente.

Outro fenômeno ocorrido em nossa pesquisa foi a pluralização somente no determinante, que por se tratar de um numeral, que é um quantificador, fez com que muitos deles mantivessem o nome no singular, já que mesmo desta forma, a noção de plural estava presente, como nas pronúncias “quatro anel”, “quatro avental”, “quatro limão” etc.

Bagno (2007) assinala que este tipo de construção é muito comum na língua, inclusive por pessoas altamente escolarizadas quando em situações espontâneas em que não se exige uma fala culta. Porém, ele nos diz que há uma regra que justifica essas ocorrências, “uma regra que diz: <marque o plural somente no primeiro elemento do sintagma>, regra que é perfeitamente obedecida por todos os que se servem dela” (BAGNO, 2007, p. 42).

O autor ainda esclarece que o termo “regra”, utilizado por ele, é sinônimo de regularidade – a regularidade com que tais usos ocorrem na língua – e não de “lei”, que impõe o que é “certo” e “errado”, como ocorre nas gramáticas.

Em *A língua de Eulália: novela sociolinguística*, Bagno (2000) também nos traz construções semelhantes como, “as onda”; “as garça” e “terras paraguaia” – trechos da canção Cuitelinho, de Nara Leão, apresentada na obra – taxadas por muitos como “português errado”,

mas que a personagem Irene, professora aposentada de língua portuguesa, chamou de português não padrão.

No romance, a personagem nos explica que o português não padrão possui um sistema diferente de formação de plurais. A marca de plural é usada no artigo ou em outro determinante, como em “as onda” e “as garça”. Quando da ausência destes, vai para a primeira palavra do grupo, como em “terras paraguaia”.

A professora ainda atribui ao português padrão o *status* de “redundante”, uma vez que impõe que todos os elementos do sintagma sejam pluralizados, enquanto que o português não padrão é sóbrio, econômico e modesto, pois exige marcação em uma única palavra para indicar quantidade superior a um.

O domínio das regras de uso dos plurais pelos alunos foi mensurado a partir das variáveis sociais: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, pois segundo Monteiro (2008), variáveis de ordem social ou externa exercem influência na escolha das variantes. O autor ressalta que certos fenômenos resultantes da variação podem sofrer pressões do ambiente interno, externo ou de ambos na seleção de uma variante em vez de outra.

Partindo destas constatações, os principais fatores externos que atuam na variação linguística são, “o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região ou zona de residência e a origem do falante” (MONTEIRO, 2008, p. 68).

5.1 A variável social sexo/gênero

É de conhecimento geral que homens e mulheres possuem maneiras singulares de manifestar a fala. Quanto a esta especificidade da variável sexo ou gênero, Monteiro (2008, p. 71), diz que:

Além das diferenças no ritmo e tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou fórmulas de cortesia, bem como pela omissão de outros em função das conotações que possam apresentar.

O linguista Labov (1966 *apud* Monteiro, 2008) assinala que, no discurso cuidado, as mulheres, em atendimento aos valores sociais que condicionam o uso da língua, utilizam menos as variantes estigmatizadas do que os homens.

Para Trudgill (1979 *apud* Monteiro, 2008), homens e mulheres são socialmente diferentes porque a sociedade lhes impõe esse comportamento e, portanto, essa diferença faz

com que elas adotem uma linguagem mais conservadora e valorizem mais as formas de prestígio.

A partir das constatações destes autores, pode-se deduzir que as mulheres se aproximam mais da norma culta que os homens.

5.2 A variável social faixa etária

A faixa etária também é um fator que influencia no modo como os falantes utilizam a língua. De acordo com Monteiro (2008), isso pode ser percebido desde a infância, que é o período de aquisição da linguagem. Durante esta etapa, a criança não consegue articular, claramente, fonemas e morfemas.

Essas diferenças linguísticas não se limitam apenas às crianças, podem ser percebidas também entre a linguagem dos idosos e dos adolescentes. “O problema central é que a variação linguística detectada em função da idade do falante pode ou não denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança” (MONTEIRO, 2008, p. 76). Porém, segundo o autor, para afirmarmos se isso se trata de uma mudança linguística ou de uma variação própria da gradação etária, teríamos que submeter os dados a uma análise em tempo real.

Monteiro (2008) ainda enfatiza que, se determinados falantes modificam um hábito linguístico no decorrer de suas vidas, mas tais modificações não são adotadas pela comunidade como um todo, não caracteriza mudança linguística, uma vez que o padrão permanece inalterado. O que pode ocorrer nesse caso é um processo de variação estável, como já foi explicado anteriormente, pois nem toda variação resultará em uma mudança, mas toda mudança é resultado de uma variação.

5.3 A variável social escolaridade

A última variável que utilizamos para identificar os fenômenos morfológicos flexionais, decorrentes dos usos dos plurais na fala dos alunos, foi a escolaridade.

Bagno (2007, p. 43) afirma que “o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos”.

No Brasil, percebe-se que a variação no modo de falar das pessoas é maior nas classes menos favorecidas, àquelas cujo índice de analfabetismo se mostra mais alarmante.

6. Análise e discussão dos resultados

Nas tabelas 1, 2 e 3, apresentamos uma visão geral das pronúncias dos alunos do 1º, 2º e 3º Ciclos, respectivamente, no que tange ao domínio dos fenômenos alomórficos investigados, bem como sua distribuição por sexo/gênero e faixa etária.

6.1 Transcrição do *Corpus* do 1º Ciclo (1º ano)

Pronúncias					Sexo/ gênero			Faixa Etária			Percentual		
S1M39	S2M41	S3H46	S4H58	S5M62	NC	M	F	1ª	2ª	3ª	NPp	% NC	% NPp
4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápis	5	2	3	0	3	2	0	100%	0%
4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	4 ôni <u>bu</u>	4 ôni <u>bu</u>	3	1	2	0	3	0	2	60%	40%
4 anzol	4 anzol	4 anzol	4 anzol	4 anzol	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 sol	4 sol	4 sol	4 sol	4 sol	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 anel	4 anel	4 anel	4 anel	4 anel	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 pastel	4 pastel	4 pastel	4 pastel	4 pastel	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 chapéu	4 chapéu	4 chapéu	4 chapéu	4 chapéu	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 troféu	4 troféu	4 troféu	4 troféu	4 troféu	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 avental	4 avental	4 avental	4 avental	4 avental	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 hospital	4 hospital	4 hospital	4 hospital	4 hospital	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 degrau	4 degrau	4 degrau	4 degrau	4 degrau	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 pau	4 pau	4 pau	4 pau	4 pau	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 mão	4 mão	4 mão	4 mão	4 mão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 irmão	4 irmão	4 irmão	4 irmão	4 irmão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 pão	4 pão	4 pão	4 pão	4 pão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 cão	4 cão	4 cão	4 cão	4 cão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 leão	4 leão	4 leão	4 leão	4 leão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 balão	4 balão	4 balão	4 balão	4 balão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 botão	4 botão	4 botão	4 botão	4 botão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 limão	4 limão	4 limão	4 limão	4 limão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 mamão	4 mamão	4 mamão	4 mamão	4 mamão	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 flor	4 flor	4 flor	4 flor	4 flor	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 mar	4 mar	4 mar	4 mar	4 mar	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
TOTAIS					8	3	5	0	6	2	107		

Tabela 1: Percentual de concordância por item lexical – 1º Ciclo.

 Concordância com a Norma Culta - NC.

 Concordância com a Norma Popular - NPp.

Das 115 pronúncias dos falantes do 1º Ciclo, apenas 8 foram flexionadas, quanto ao plural, de acordo com a Norma Culta, o que equivale a 7%, enquanto 107 flexionaram-se de acordo com a Norma Popular, equivalendo a 93%. A concordância com a NC mostrou-se maior entre as mulheres que entre os homens e quanto à faixa etária, a 2ª obteve destaque sobre as outras.

Lembremos que as 8 pronúncias que obedeceram as normas gramaticais são compostas pelos sintagmas “quatro lápis” e “quatro ônibus”, dos quais os núcleos fazem parte do grupo de substantivos paroxítonos e proparoxítonos terminados em morfema /-s/, que por regra são invariáveis e recebem alomorfe /-Ø/, ou seja, possuem a mesma forma tanto para o singular quanto para o plural, distinguindo-se apenas pelo determinante.

Podemos dizer que a flexão ocorrida na maioria dos sintagmas, como em “quatro anzol”, “quatro pastel”, “quatro hospital”, “quatro pão” etc., que não seguiu a NC, deu-se com base em uma “regra” da Sociolinguística que justifica, conforme Bagno (2007), a pluralização apenas no determinante, como já foi explicitado anteriormente. Houve dois casos do tipo “quatro *ônibu” – a supressão do morfema “s” pode ter ocorrido devido a uma regularização feita pelo falante, pois na sua gramática internalizada, segundo a NPp, o plural só será marcado no determinante e não no substantivo, portanto a competência gramatical do falante interpretou o “s” de “ônibus” como uma marca morfológica, e não como um fonema integrante da raiz.

6.2 Transcrição do *Corpus* do 2º Ciclo (2º e 3º anos)

Pronúncias						Sexo/ gênero			Faixa Etária			Percentual		
S6M23	S7H38	S8H40	S9H41	S10H52	S11H59	NC	M	F	1ª	2ª	3ª	NPp	% NC	% NPp
4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápis	6	5	1	1	3	2	0	100%	0%
4 ônibus	4 ônibu	4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	5	4	1	1	2	2	1	83%	17%
4 anzol	4 anzol	4 anzol	4 anzol	4 anzol	4 anzol	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 sol	4 sol	4 sol	4 sol	4 sol	4 sol	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 anel	4 anel	4 anéis	4 anel	4 anel	4 anel	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 pastel	4 pastel	4 pastéis	4 pastel	4 pastel	4 pastel	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 chapéu	4 chapéu	4 chapéis	4 chapéu	4 chapéu	4 chapéu	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 troféu	4 troféu	4 troféis	4 troféu	4 troféu	4 troféu	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 avental	4 avental	4 aventais	4 avental	4 avental	4 avental	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 hospital	4 hospital	4 hospitais	4 hospital	4 hospital	4 hospital	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 degrau	4 degrau	4 degrais	4 degrau	4 degrau	4 degrau	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%

4 pau	4 pau	4 pau	4 pau	4 pau	4 paus	1	1	0	0	0	1	5	17%	83%
4 mão	4 mão	4 mão	4 mão	4 mão	4 mão	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 irmão	4 irmão	4 irmão	4 irmão	4 irmão	4 irmão	0	0	0	0	0	0	6	0%	100%
4 pão	4 pão	4 pães	4 pães	4 pão	4 pão	2	2	0	0	2	0	4	33%	67%
4 cão	4 cão	4 cães	4 cão	4 cão	4 cão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 leão	4 leão	4 leões	4 leão	4 leão	4 leão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 balão	4 balão	4 balões	4 balão	4 balão	4 balão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 botão	4 botão	4 botões	4 botão	4 botão	4 botão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 limão	4 limão	4 limões	4 limão	4 limão	4 limão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 mamão	4 mamão	4 mamões	4 mamão	4 mamão	4 mamão	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 flor	4 flor	4 flores	4 flor	4 flor	4 flor	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
4 mar	4 mar	4 mares	4 mar	4 mar	4 mar	1	1	0	0	1	0	5	17%	83%
TOTAIS						26	24	2	2	19	5	112		

Tabela 2: Percentual de concordância por item lexical – 2º Ciclo.

Concordância com a Norma Culta – NC.

Concordância com a Norma Popular - NPp.

Dos sujeitos do 2º Ciclo obtivemos 138 pronúncias, das quais 26 seguiram a Norma Culta na flexão de número, o que equivale a 19%, enquanto 112 ficaram de acordo com a Norma Popular, o que equivale a 81%. Desta vez, a concordância com a NC foi maior entre os homens que entre as mulheres e quanto à faixa etária, a 2ª também obteve destaque em relação às outras.

A pluralização pela NPp deu-se de duas formas. Na primeira, os sujeitos consideraram a ideia de plural apenas no determinante – forma predominante neste grupo, e ocorrida também no 1º Ciclo – que por ser um numeral facilitou esta percepção, como nos casos “quatro *ônibus” (mesma justificativa do 1º Ciclo), “quatro anel”, “quatro balão”, “quatro flor” etc.

A segunda forma foi praticada apenas pelo sujeito S8H40, o qual trocou regras de um grupo pelas de outro nos sintagmas “*quatro *degrais*”, “*quatro *chapéis*” e “*quatro *troféis*”. Os vocábulos nucleares receberiam apenas o alomorfe /-s/, pois terminam em ditongo oral, no entanto, ele lhes concedeu regras dos substantivos terminados em /-al/ e /-el/, que substituem no plural o /-l/ por /-is/, fazendo uso do princípio da Saliência Fônica, uma vez que as pronúncias /-ais/ e /-éis/ são mais salientes que /-aus/ e /-éus/ e, portanto, mais suscetíveis de serem usadas em uma situação de desconhecimento ou confusão entre as normas gramaticais.

6.3 Transcrição do *Corpus* do 3º Ciclo (4º e 5º anos)

Pronúncias					Sexo/ gênero			Faixa Etária			Percentual		
S12M21	S13M25	S14H32	S15H40	S16M45	NC	M	F	1ª	2ª	3ª	NPp	% NC	% NPp
4 lápis	4 lápis	4 lápis	4 lápi	4 lápis	4	1	3	3	1	0	1	80%	20%
4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	4 ônibus	5	2	3	3	2	0	0	100%	0%
4 anzóis	4 anzol	4 anzol	4 anzóus	4 anzol	1	0	1	1	0	0	4	20%	80%
4 sóis	4 sol	4 sol	4 sóus	4 sol	1	0	1	1	0	0	4	20%	80%
4 anéis	4 anéis	4 anel	4 anel	4 anel	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
4 pastéis	4 pastéis	4 pastel	4 pastéis	4 pastel	3	1	2	2	1	0	2	60%	40%
4 chapéis	4 chapéu	4 chapéu	4 chapéis	4 chapéu	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 troféis	4 troféis	4 troféu	4 troféis	4 troféu	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 aventais	4 aventais	4 avental	4 aventais	4 avental	3	1	2	2	1	0	2	60%	40%
4 hospitais	4 hospitais	4 hospital	4 hospital	4 hospital	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
4 degrais	4 degrais	4 degrau	4 degrau	4 degrau	0	0	0	0	0	0	5	0%	100%
4 paus	4 paus	4 pau	4 pau	4 pau	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
4 mãos	4 mãos	4 mão	4 mão	4 mão	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
4 irmãos	4 irmões	4 irmão	4 irmão	4 irmão	1	0	1	1	0	0	4	20%	80%
4 pães	4 pães	4 pão	4 pão	4 pães	3	0	3	2	1	0	2	60%	40%
4 cães	4 cães	4 cães	4 cães	4 cães	5	2	3	3	2	0	0	100%	0%
4 leões	4 leões	4 leão	4 leões	4 leão	3	1	2	2	1	0	2	60%	40%
4 balões	4 balões	4 balões	4 balões	4 balões	5	2	3	3	2	0	0	100%	0%
4 botões	4 botões	4 botão	4 botões	4 botões	3	0	3	2	1	0	2	60%	40%
4 limões	4 limões	4 limão	4 limões	4 limões	4	1	3	2	2	0	1	80%	20%
4 mamões	4 mamões	4 mamão	4 mamão	4 mamão	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
4 flores	4 flores	4 flor	4 flors	4 flores	3	0	3	2	1	0	2	60%	40%
4 mares	4 mares	4 mar	4 mars	4 mar	2	0	2	2	0	0	3	40%	60%
TOTAIS					56	11	45	41	15	0	59		

Tabela 3: Percentual de concordância por item lexical – 3º Ciclo.

 Concordância com a Norma Culta – NC.

 Concordância com a Norma Popular - NPp.

No 3º Ciclo tivemos 115 pronúncias, destas, 56 foram flexionadas de acordo com a Norma Culta, o que equivale a 49% e, 59 de acordo com a Norma Popular, o que equivale a 51%. Neste grupo de falantes, a concordância com a NC foi maior entre as mulheres que entre os homens, como no 1º Ciclo, porém a faixa etária que se destacou foi a 1ª, diferente dos dois outros ciclos.

A pluralização feita conforme a NPp novamente ocorreu de duas formas, como no 2º Ciclo. A primeira também marcou o plural apenas no primeiro membro do sintagma, como nos casos “quatro *lápi” (mesma justificativa do 1º Ciclo), “quatro sol”, “quatro mão”, “quatro mar” etc. A segunda, além de atribuir regras de um grupo a outro, ainda criou regras que não se baseiam na gramática da língua portuguesa, como veremos a seguir.

Os casos (3), (4) e (5) por terminarem em ditongo, fariam o plural com o acréscimo do alomorfe /-s/, porém seguiram as regras dos substantivos terminados em /-al/ e /-el/, que substituem no plural o /-l/ por /-is/. Em (6) também se acrescentaria somente alomorfe /-s/, pois embora termine em ditongo nasal /-ão/, faz parte do grupo mínimo de oxítonos que pertencem à regra geral. Nestes dois casos, os falantes também utilizaram o princípio da Saliência Fônica, pois as pronúncias /-ais/, /-éis/ e /-ões/ possuem melhor sonoridade que /-aus/, /-éus/ e /-ãos/.

(3) Quatro *degrais.

(5) Quatro *troféis.

(4) Quatro *chapéis.

(6) Quatro *irmões.

Em (7) tivemos um caso incomum, pois a troca de /-ões/ por /-ães/ não é usual, o inverso seria verdadeiro. Consideramos os casos de (8) a (11) atípicos, pois baseiam-se em regras inexistentes no Português brasileiro, uma vez que o alomorfe /-s/ não se aplica às terminações /-ol/ e /-r/.

(7) Quatro *botães.

(10) Quatro *flors.

(8) Quatro *anzóus.

(11) Quatro *mars.

(9) Quatro *sóus.

Salientamos que todos esses processos ocorridos dentro da NPp, amparados pela sociolinguística, como a marcação do plural somente no primeiro elemento, a troca de regras de um grupo por outro utilizando o princípio da Saliência Fônica e até o apagamento do morfema “s” em palavras como lápis e ônibus, são justificados na teoria gerativa (ROCHA, 2003), uma vez que os alunos utilizaram regras preestabelecidas por sua gramática internalizada. Portanto, tais usos não são arbitrários ou aleatórios como pensam alguns críticos, mas tão somente regularizações feitas pelos falantes baseadas na gramática subjacente e competência lexical de que dispõem, as quais têm preferência pela simplificação de regras morfológicas oriundas de sua variação dialetal.

A seguir, apresentamos nas tabelas 4, 5 e 6 o domínio das regras de uso do plural a partir das variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, respectivamente.

6.4 Domínio das regras de uso do plural por sexo/gênero

Sexo/gênero	Total de Pronúncias	De acordo com a NC	Percentual
Masculino	207	38	18,36%
Feminino	161	52	32,30%

Tabela 4: Domínio das regras de uso do plural de acordo com a variável social sexo/gênero.

Quanto ao domínio das regras de uso do plural de acordo com a variável sexo/gênero, as taxas obtidas foram bem divergentes. As mulheres alcançaram um percentual de 32,30% de concordância com a Norma Culta, enquanto os homens ficaram com 18,36%.

Segundo Scherre (1988, p. 427), na fala cuidada, “os falantes do sexo feminino tendem a se aproximar da norma estabelecida mais do que os falantes do sexo masculino”, o que nos leva a pensar que as mulheres sejam mais sensíveis às normas de prestígio porque são mais cobradas pela sociedade.

6.5 Domínio das regras de uso do plural por faixa etária.

Faixa Etária	Total de Pronúncias	De acordo com a NC	Percentual
1^a	92	43	46,74%
2 ^a	184	40	21,73%
3 ^a	92	7	7,60%

Tabela 5: Domínio das regras de uso do plural de acordo com a variável social faixa etária.

Quanto à faixa etária, destacaram-se os falantes da 1^a Faixa (20 a 35 anos) com 46,74% de concordância com a Norma Culta, enquanto os da 2^a (36 a 50 anos) e 3^a (51 anos em diante) faixas ficaram com 21,37% e 7,60%, respectivamente.

Quanto a esta variável, o motivo de ter havido um maior domínio na 1^a faixa pode ter sido o fato de que estes falantes, pela lógica, passaram um tempo menor afastados da escola do que os das outras faixas e, são mais requisitados no mercado de trabalho.

De acordo com a pedagoga do Centro Educacional Fernando Matos de Souza, como a maioria dos alunos da EJA possui mais de 40 anos, desenvolve trabalho braçal, dorme pouco e por isso sente muito sono durante as aulas, torna-se mais difícil a absorção dos conteúdos.

6.6 Domínio das regras de uso do plural por escolaridade

Escolaridade	Total de Pronúncias	De acordo com a NC	Percentual
1º Ciclo	115	8	7,00%
2º Ciclo	138	26	18,84%
3º Ciclo	115	56	48,70%

Tabela 6: Domínio das regras de uso do plural de acordo com a variável social escolaridade.

Quanto à escolaridade, percebemos que os três ciclos apresentaram resultados distintos. Isso se justifica pela diferença no nível de leitura dos alunos de cada um. O 3º Ciclo sobressaiu-se com uma taxa de 48,70% de domínio, enquanto o 1º e 2º Ciclos ficaram com 7% e 18,84%, respectivamente.

De acordo com o Plano de Ensino do SESC LER – EJA/2019, os alunos do 1º Ciclo estão em processo de alfabetização, logo, de aquisição da leitura. Destes alunos espera-se, no decorrer do ano letivo, dentre outras metas, a leitura e compreensão de pequenos textos em linguagem familiar.

Os alunos do 2º Ciclo já passaram pela fase inicial da leitura e, portanto, espera-se que até o final do ano letivo, estejam lendo e compreendendo autonomamente pequenos textos em linguagem coloquial, bem como produzindo textos curtos e inteligíveis, além de outras habilidades predefinidas para esta etapa.

Para os alunos do 3º Ciclo, que já devem dispor de um nível médio de leitura, espera-se que, possam ler com autonomia os diferentes tipos de textos trabalhados (contos, fábulas, histórias, poemas, notícias, textos informativos etc.), compreender os textos lidos por outras pessoas, estabelecer relações entre o texto lido e seus conhecimentos prévios, entre outros.

Segundo a pedagoga, este público não assimila, na íntegra, o Plano de Ensino. O mesmo é elaborado a partir da Proposta Curricular - 1º segmento da Educação para Jovens e Adultos e Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental, porém, diferentemente dos alunos do ensino regular, que têm uma trajetória escolar contínua, os alunos da EJA não possuem as mesmas condições de aprendizagem, uma vez que a maioria

apresenta situações peculiares de abandono ou falta de acesso escolar na idade recomendada, além de outras situações.

Mesmo que o Plano de Ensino não atenda completamente estes alunos, percebemos que houve uma progressão nos resultados de nossa pesquisa, o que indica que o nível de leitura influencia no domínio das regras de uso dos plurais, ou seja, há uma relação diretamente proporcional entre o aumento dos anos de escolarização e o percentual de pluralização dos sintagmas nominais em concordância com a Norma Culta.

Considerações finais

Esta pesquisa se propôs a investigar o uso dos plurais nominais na fala dos alunos da EJA ensino fundamental I, no município de Presidente Figueiredo, no estado do Amazonas, sobretudo no que tange ao domínio do emprego das regras dos alomorfes do morfema “s”.

Através dos resultados obtidos, percebemos que os discentes desta modalidade de ensino, embora façam parte de um grupo cuja capacidade de aprendizagem é considerada estigmatizada por muitos, à luz da sociolinguística têm se mostrado capazes e, a partir da apreensão da leitura, aumentam seus níveis linguísticos rumo à NC.

Particularmente, na flexão nominal de número, a gramática normativa dispõe de inúmeras regras – além das apresentadas por nós – que mais dificultam do que ajudam no domínio da língua, pois não privilegiam os falantes de outra variedade que não a padrão. Frente a isso, eles tentam criar suas próprias regras seguindo critérios previamente estabelecidos por sua gramática internalizada, visando sempre o fluxo da comunicação.

A Sociolinguística surge como um suporte provando que mesmo os indivíduos pesquisados que não atuaram dentro da NC dispõem sim de noções de flexão de número, porém adequadas a outras regras, aquelas originadas de seus falares, de seu pertencimento a uma determinada variedade dialetal, ou seja, que não se encontram nas gramáticas, mas que nem por isso podem ser consideradas erradas, uma vez que são frutos de uma língua heterogênea que está sempre sujeita à variação e/ou mudança, como o português brasileiro.

Quanto aos fatores sociais trabalhados, no que concerne ao sexo/gênero, a prevalência do domínio da NC se deu pelas mulheres, que por serem mais cobradas pela sociedade, esforçam-se mais para apreenderem as formas de prestígio. A faixa etária privilegiada foi a primeira, composta por sujeitos entre 20 e 35 anos, os quais possuem um distanciamento da vida escolar menor que os demais. Quanto à escolaridade, o 3º Ciclo, formado pelo 4º e 5º

anos foi o que obteve maior índice de domínio, comprovando que quanto maior o nível de leitura – que diferencia os três ciclos – maior a compreensão e absorção dos demais conteúdos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), em sua Seção V – Da Educação de Jovens e Adultos, Art. 37, § 2º, dispõe que “O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si” (BRASIL, 1996, p. 20). Porém, o contato com a pedagoga e com os próprios alunos nos mostrou que há uma defasagem no Plano de Ensino elaborado para esta modalidade, o qual não atende integralmente sua perspectiva, uma vez que desconsidera as particularidades destes alunos, privando-os de um ensino direcionado a uma classe que, por motivos diversos, não teve oportunidade de concluir a educação básica na idade recomendada. A partir desta constatação, nos perguntamos: qual será o verdadeiro sentido do verbo “viabilizar” utilizado no artigo citado?

O recorte analisado neste trabalho contemplou apenas a flexão nominal de plural na fala dos alunos. Entretanto, como os fenômenos linguísticos são ilimitados e a língua é “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução” (BAGNO, 2007, p. 36), pensamos que este estudo não está esgotado e vemos a necessidade de continuidade das pesquisas relacionadas, com o intuito de ampliar os horizontes para que as variedades linguísticas sejam, um dia, totalmente valorizadas no cenário educativo, sem, contudo, abandonar o ensino da Norma Culta.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorias, 2007.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/1996 e demais alterações. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Educação para Jovens e Adultos**: Ensino Fundamental: Proposta Curricular - 1º Segmento. Brasília, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Questões de morfologia e fonologia. Campinas, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do Português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTINS, Valteir; MARTINS, Silvana Andrade, RIBEIRO, Edinelza Macedo. **Morfologia da Língua Portuguesa**: Livro-Texto. 1. ed. Amazonas: UEA Edições, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROCHA, Luiz Carlos de A. Estruturas Morfológicas do Português. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SANDALO, Maria Filomena S. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística I**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 181-204.

SCHERRE, Maria Marta P. Reanálise da concordância nominal em português. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SILVA, Maria Cecília P. S.; KOCH, Ingedore G. V. **Linguística aplicada ao Português**: morfologia. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1994.